

INCESTO ENTRE O DIZER E O DITO

O discurso psicanalítico se diferencia do discurso do mestre, do discurso da histeria ou do discurso universitário pelo fato de operar, por meio do ato do psicanalista, pelo lugar de onde o sujeito fala: seu dizer.

Aquele que fala como mestre o faz do lugar do significante-amo para dirigir sua vida e a dos outros, assumindo seus riscos. Aquele que o faz a partir do discurso universitário esconde sua enunciação por trás da pretensa neutralidade e objetividade do conhecimento estabelecido pela ciência. A histeria, por sua vez, apaga-se para questionar o significante-amo e/ou para demonstrar a insatisfatoriedade do conhecimento. Nesse sentido, ela subsume a posição do cientista na medida em que questiona o conhecimento estabelecido, embora o conhecimento científico - uma vez estabelecido - acabe por elidir o sujeito.

Ao contrário desses três, o discurso psicanalítico é instável. Afinal, se o psicanalista ocupa o lugar do dejetivo em sua práxis, um dejetivo não fala e, se assume certa consistência, cai inevitavelmente no discurso do mestre, da histeria ou do universitário.

Poder-se-ia pensar que a função do analista seria revelar, por meio de suas ações, o discurso que corresponde aos enunciados do analisando, a fim de estabelecer que se trata do discurso do mestre, da histérica ou do universitário, o que, por sua vez, permitiria fazer diagnósticos: histeria, obsessão etc.

Mas o dizer nunca se deixa aprisionar por um dito verdadeiro que diria o que é real no dizer. Se isso acontecesse, implicaria em um incesto entre o dito e o dizer, que é logicamente anterior a qualquer figuração imaginária dele (com a mãe ou o pai, etc.). A verdade para a qual o simbólico aponta é meio dita: sempre há algo real que escapa a ele.

O que importa é a história do sujeito e sua narrativa, que explode quando uma formação do inconsciente (lapso, esquecimento, ato falho ou sonho) destaca a diferença entre é

isso e no isso, como Freud descreveu em seu artigo sobre A Negação, quando esse paciente, depois de relatar um sonho com conotações incestuosas, atribui ao analista: "Você pode pensar que ela é minha mãe... mas não, ela não é minha mãe". Diferença baseada na repetição de um traço unário que se inscreve graças a uma brecha: *a*, a causa do desejo, que, como tal, é indizível.

O dito sempre aponta para o universal, enquanto o dizer expressa o singular do sujeito que tem a ver com essa causa. O dizer existe para o dito, não é da ordem da dimensão da verdade.

Na série de ditos, a busca de sentido visa garantir que no inconsciente não haja relação sexual: o sexo não tem sentido. As relações entre homens e mulheres podem apresentar impasses, mas o verdadeiro não-relacionamento sexual está entre o sexo e o sentido, ou seja, entre o dizer e o dito.

O objeto *a* tem duas funções: por um lado, refere-se ao que é impossível de ser dito, a causa do desejo, e, por outro lado, fornece o material para a articulação dos ditos que tendem a encobrir esse real: *é isso e não é isso*. É o que torna possível dar a cada parte do corpo uma função fálica, conferindo-lhe o valor significante de um novo dito. Dessa forma, uma parte do corpo pode ser estabilizada discursivamente. Assim, o seio se torna o objeto de desejo na histeria, as fezes o objeto do desejo impossível do mestre e o olhar o objeto desconhecido do universitário.

Mas a voz, o objeto ao qual o discurso analítico corresponde, é volátil -verba volant-. O dizer na cura é um corte puro que impede o dito de se consolidar, impossibilitando que S1 se estabilize em um S2. O discurso analítico interroga a consistência de outros discursos, incluindo o matemático, o religioso ou o filosófico.

Esse incesto fundamental que ocorre entre o dizer e o dito tem sua expressão mais clara na psicose (metonímia e frase interrompida na esquizofrenia, certeza paranoica, estagnação melancólica ou logorreia maníaca) ou nos estados confusionais gerados por

o consumo de substâncias tóxicas ou eventos traumáticos. Nesses casos, o sujeito é falado pelo Outro e perde seu dizer, mas o incesto está presente em todas as estruturas clínicas sempre que um sujeito deixa de falar em seu próprio nome, pois faz um corte entre o dizer e o dito.

Quando Ahmed, um menino de 8 anos, veio ao meu consultório há um ano e meio, ele falava de tal forma que ninguém o entendia. Nem seus pais, nem na escola, nem os médicos, nem mesmo eu no início. Além disso, de acordo com seus pais, ele era um tirano em casa. Quando entrou pela primeira vez, ele repetia: "está tão quente, tão quente!", o que me fez pensar que seu corpo era o objeto de prazer de sua mãe. Verifiquei isso em uma entrevista com os pais: ela estava limpando o bumbum dele, dando-lhe banho, vestindo-o, etc. Eu disse a ela que parasse de fazer isso e disse a ambos que não permitissem que ele agisse como um tirano. Na consulta, como ele era intrusivo e tocava em tudo, eu lhe disse que ele tinha de pedir minha permissão. Eles me ouviram, e isso acalmou bastante suas alucinações persecutórias sobre múmias, fantasmas, zumbis, etc. Em uma sessão, na frente da mãe, ele se enfureceu e os matou com uma arma.

Quando eu entrava em cada sessão, eu o chamava pelo primeiro e último nome, e ele começou a me chamar pelo primeiro nome. O pai me disse que o encontrou um dia, em um canto do quarto, repetindo: "Eu sou Ahmed (e o último nome)". Ele costumava mencionar múmias, pirâmides, a lua e as montanhas. Percebi que tudo isso se referia ao seu país de origem, onde ele havia morado com a mãe por vários anos, até que o pai os levou para a Espanha, onde trabalhava. A lua tinha a ver com o crescente árabe, as múmias e as pirâmides com sua cultura, as montanhas com o lugar onde ele havia morado. Conversei sobre isso com seus pais e com ele, mostrando-lhe em um mapa onde ficava seu país de origem. Aos poucos, Ahmed começou a falar com sentido: jo entendia cada vez mais, e o mesmo acontecia em casa ou na escola. Então, ele fez um desenho de uma viagem à lua em um foguete com seus pais e irmãos. A lua passou a

representar a mãe, pois ele a identificou com algo doce para comer. De fato, sua mãe faz bolos e doces que ele adora comer. Logo depois, ele desenhou dois trens correndo em linhas paralelas: em um deles estavam seus pais, e no outro, ele e sua irmã. Abaixo de cada uma dessas pessoas, nas pistas, as suas fezes. Fazia muito tempo que sua mãe não o limpava.

Depois veio um período em que ele usava bonecas para representar cenas violentas com seus irmãos ou colegas de escola. Os parceiros parentais das crianças assistiam a essas cenas, mas, no caso dele, ele sempre teve uma mãe e dois pais.

Foi então que ele fez uma série de desenhos mostrando a Terra de um lado e a Lua e os planetas do outro. A Terra parecia cada vez maior, com nuvens cor-de-rosa (carinhosas) e nuvens nebras (com raiva). Agora Ahmed não estava mais vagando no espaço, mas na Terra. Em seguida, ele desenhou duas montanhas, uma que ele escalou com sua família, guiado por seu pai, e a outra, que era a montanha de sua mãe.

O pai havia entrado para contar: ele o levou para a montanha e para a mesquita. Tanto que, algum tempo depois, ele encenou uma cena com bonecas, na qual ele e seus irmãos gostavam de perseguir o pai para continuar brincando com a mãe.

Durante todo esse período, eu me perguntava sobre meus filhos, meus pais e, acima de tudo, sobre minha mãe. Ele queria saber se ela havia morrido e se jo nunca mais a veria. Em uma ocasião, eu lhe disse que sua mãe era jovem, que levaria muitos anos para ela morrer, mas que se ele estava pensando nisso, talvez fosse porque não queria ser mais um filhinho da mamãe.

Ao mesmo tempo, surgiram temas sexuais, embora de forma velada. Ele tocava seus órgãos genitais com frequência e, na escola, disse a duas meninas que elas eram suas namoradas. A mãe me disse que, em casa, ele dizia que ela era a namorada de seu pai.

Ahmed está ficando mais calmo. Seu xixi na cama quase diminuiu. Agora ele joga tic-tac-toe comigo. É difícil para ele, assim como seus estudos, mas ele quer me vencer e,

às vezes, consegue. Quando fica frustrado, ele diz de forma engraçada que é um monstro que vai me com.

Parece claro para mim que agora ele quer confrontar o segundo pai que eu acho que jo foi durante esse tempo. Aquele que o separou de sua mãe e deu um lugar para seu pai. Aquele que o marca quando ele usa uma maneira "babysh" de falar, ou o corrige quando ele inverte as palavras.

Marcelo Edwards

Maio de 2023